
JUVENTUDE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS ENTRE COLEGAS DE CLASSE: ESTUDO EXPLORATÓRIO QUALIQUANTITATIVO COM UNIVERSITÁRIOS PAULISTAS

Beatriz Oliveira Bessler; Letícia Vieira dos Santos; Mariane Rufino dos Santos; Sandro Caramaschi
leticia.vieira-santos@unesp.br
beatriz.bessler@unesp.br
mariane.rufino@unesp.br

Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Quando fala-se amor, ainda que haja dificuldade em encontrar uma definição unânime, a fim de uma aproximação e consequente facilitação no entendimento do estudo, pode-se entender o amor como um estado emocional no qual se tem disposição para experienciá-lo para com o outro (NETO, 2000, apud OLIVEIRA, 2004), acarretando em uma relação com vínculos intensos. Diante disso, o presente estudo busca direcionar a atenção à perspectiva que jovens universitários possuem no que se refere às relações amorosas com intimidade sem vínculo conjugal com colegas de classe durante a graduação.

A delimitação do período juvenil é incerta quando se analisa a literatura, no entanto, essa pesquisa baseou-se no Estatuto da Juventude Brasileiro, onde pode ser compreendido como jovem aquele que possui entre 15 e 29 anos de idade. Durante esse período as relações amorosas tendem a se iniciar e são compreendidas como de extrema importância para o desenvolvimento individual. Segundo Fachada (2009), a aproximação sexual e emocional típicas desses relacionamentos amorosos auxiliam na construção da identidade de um indivíduo e na sua visão em relação ao mundo e ao outro.

O período juvenil sofre influências sociais, históricas e culturais, sendo assim, características puramente biológicas para o descrever seriam insuficientes (OZELLA E AGUIAR, 2008). Seguindo esse raciocínio e analisando as mudanças nas relações interpessoais com o passar dos anos, nota-se que o ato de amar e sexualidade estão intrinsecamente ligados à cultura na qual os indivíduos estão inseridos em determinado momento, logo, as interações e os vínculos contemporâneos também refletem as concepções modernas de se relacionar. O ato de ficar, um relacionamento baseado na efemeridade e fluidez (JUSTO, 2005) e bem diferente do namoro, é uma dessas concepções “em alta” na modernidade.

O período dentro da universidade pode ser conturbado e a adaptação tende a seguir dentro de aspectos de desempenho acadêmico e experiências sociais. Por apresentar muitos desafios, os universitários podem enfrentar crises identitárias frequentes e como discorrido anteriormente, o estabelecimento da identidade pessoal pode ser viabilizado através de muitos meios como: os relacionamentos amorosos (SEGINER; NOYMAN, 2005). Dessa forma, a escassez de estudos acerca da juventude e o início da vida amorosa evidencia uma lacuna que o presente estudo busca dar a iniciativa de preencher ao compreender a dinamicidade entre a vida universitária e os relacionamentos amorosos frutos do contato social que se mantém nessa fase, e com isso compreender um pouco mais o ser humano atual.

Objetivos:

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a visão dos jovens universitários diante dos diferentes tipos de relacionamentos ao longo da graduação com indivíduos da mesma classe. Já os objetivos específicos são analisar as vantagens e desvantagens dos relacionamentos de curto e longo prazo durante a graduação com colegas de turma, o tipo de relacionamento mais predominante, investigar os efeitos desses relacionamentos no desempenho acadêmico e, por fim, sua relevância nesse período da vida.

Método:

Com o intuito de obter informações acerca de um assunto até então pouco explorado no meio acadêmico, optou-se pela abordagem exploratória quali-quantitativa como percurso metodológico desta pesquisa. Sendo assim, seu objetivo é estabelecer uma base para pesquisas mais aprofundadas futuramente a partir da combinação entre a análise de dados numéricos e a interpretação de informações descritivas, enriquecendo a investigação e as discussões finais do estudo.

Em relação aos participantes, a amostra compõe-se de 59 estudantes universitários do Estado de São Paulo, que responderam ao formulário disponibilizado nas redes sociais no ano de 2024. Dentro do grupo, 40 estudantes são do sexo feminino, 18 do sexo masculino e 1 preferiu não declarar seu gênero, além disso, todos encontravam-se na faixa de idade entre 17 e 29 anos (classificados como jovens de acordo com o Estatuto da Juventude).

No que diz respeito aos instrumentos e o procedimento de coleta de dados, a presente pesquisa foi realizada a partir de um formulário online desenvolvido pelas autoras através do software Google Forms, sendo esse compartilhado diversas vezes em redes sociais ao longo do

mês de novembro de 2024 com o intuito de atingir o público universitário necessário para a composição da atual amostra.

Em suma, o questionário foi dividido da seguinte maneira: 1) TCLE; 2) questões objetivas relacionadas a gênero, idade, ano de graduação, a possibilidade dos estudantes ficarem ou namorarem pessoas de suas salas, eventual interesse por um colega de classe, se foi tomada alguma iniciativa por esse interesse ou não e se os participantes haviam se relacionado com alguém de suas salas; 3) escalas de 1 a 5 referentes à relevância atribuída às relações amorosas de curto prazo e longo prazo durante o período universitário, indo de “nada relevantes” a “muito relevantes”; 4) questões dissertativas sobre as formas de tomada de iniciativa (caso respondessem “sim” na pergunta “Você já tomou iniciativa com a pessoa de interesse?”), justificativa da falta de iniciativa (se respondessem “não” na pergunta “Você já tomou iniciativa com a pessoa de interesse?”), as vantagens e desvantagens de ficar e namorar com pessoas da sua classe durante a graduação e os possíveis efeitos desses relacionamentos de curto ou longo prazo na vida acadêmica.

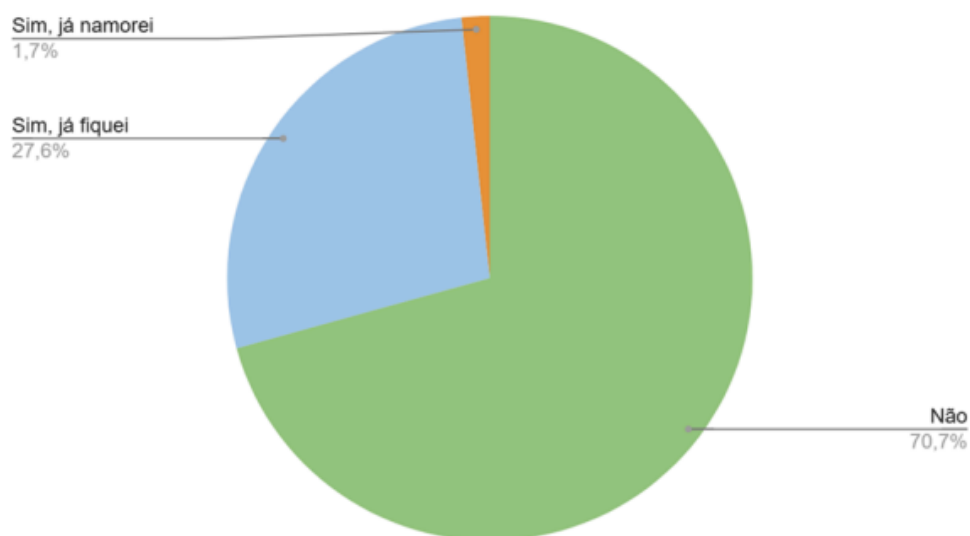
Por fim, o procedimento de análise de dados ocorreu através da Estatística Descritiva nas perguntas objetivas e por meio da Análise de Conteúdo nas questões dissertativas. A respeito das perguntas objetivas, essas foram transformadas em gráficos para permitir uma melhor visualização dos dados obtidos e facilitar a sua interpretação. Enquanto no que tange as perguntas dissertativas, foi realizada uma leitura minuciosa do conteúdo das argumentações e desenvolvida uma categorização a partir de indicadores de similaridade nas respostas, essas também foram remodeladas para gráficos a fim de facilitar a discussão dos dados. Para assegurar uma maior confiabilidade nas categorizações dos dados, foi conduzido um teste de fidedignidade através da análise das respostas, no qual obteve-se uma concordância de 80% na categorização.

Resultados e Discussão:

Os dados obtidos através do questionário, disponibilizado aos participantes, evidenciaram que a relevância atribuída por estes sujeitos, jovens universitários, a relações amorosas de longo prazo (namorar) é maior do que a concedida a relações amorosas de curto prazo (ficar). 30,5% dos respondentes julgaram como sendo “Pouco relevante” o estabelecimento de relações amorosas de curta duração ao longo do período universitário, enquanto a escala “Moderadamente relevante” atingiu uma porcentagem de 25,4% das respostas. Por outro lado, no que diz respeito ao engajamento em relações amorosas de longa

duração no ambiente universitário, as escalas “Relevante” e “Muito relevante” obtiveram porcentagem de 23,7% e 35,6% das respostas, respectivamente. Ademais, pouco menos da metade dos participantes (43,1%) afirmou que não estabeleceria nenhum tipo de relação amorosa com colegas de classe na universidade. Entretanto, 29,3% dos respondentes demonstraram que ficariam e também namorariam um colega de sala, enquanto 27,6% dos sujeitos afirmaram que somente ficariam, mas não namorariam.

O gráfico a seguir representa a frequência absoluta de respostas diante da questão “Você já se relacionou com alguém da sua classe?”.



Fonte: feito pelas autoras.

É possível observar que uma porcentagem expressiva de respondentes, 70,7%, afirmou nunca ter se relacionado com algum colega de sala. Em contrapartida, 27,6% dos respondentes afirmou já ter ficado com algum estudante da sua turma de graduação, e a porcentagem correspondente aos sujeitos que demonstraram ter namorado um colega de classe corresponde a apenas 1,7% das respostas. Quando questionados sobre as vantagens de ficar com alguém da mesma classe, os participantes apontaram, principalmente, para a criação de vínculos (27,1%) e para o fato de compartilharem o mesmo ciclo e realidade (25,4%). Em relação às desvantagens, as duas respostas mais recorrentes foram: ver a pessoa com frequência (25,4%) e o possível “clima estranho” posteriormente (16,9%).

As eventuais vantagens de namorar colegas de turma ao longo da graduação também foram investigadas; os principais destaques foram a criação de uma rede de apoio (20,3%) e a possibilidade de passar mais tempo com a pessoa (18,6%). Quanto às desvantagens, a categoria “clima estranho pós término” foi identificada em 42,4% das respostas. Além disso, a falta de individualidade e a possível perda de foco nos estudos foram mencionadas em 10,2% das

respostas, cada uma. No total, 86,7% dos respondentes afirmaram que relacionamentos entre colegas de classe (ficar ou namorar) influenciam a vida acadêmica, podendo ocasionar efeitos negativos, como a dificuldade de cumprir demandas universitárias em decorrência do namoro (21,9%), ou positivos, como um fator de incentivo acadêmico, conforme indicado por 17,8% dos participantes.

A presente pesquisa evidenciou que, embora os jovens universitários atribuam maior importância aos relacionamentos de longa duração (namorar), em detrimento das relações de curto prazo (ficar), essa preferência não corresponde à prática mais relatada por eles. Essa realidade pode ser justificada pelo receio manifestado nas respostas coletadas quanto às possíveis consequências negativas advindas de um relacionamento duradouro, como danos físicos, morais e emocionais (Fachada, 2009).

Em relação às vantagens de namorar uma pessoa da mesma turma, as respostas diferenciam-se daquelas relacionadas ao “ficar”, uma vez que estão mais associadas à construção de sentimentos sólidos e ao estabelecimento de uma rede de apoio. Todavia, essa diferença não é percebida com tanta nitidez nas desvantagens elencadas sobre ficar ou namorar um colega de sala, visto que o receio de ter de lidar com um “clima estranho” após o término apareceu em ambas as situações, ainda que com intensidades distintas. Verificou-se, no entanto, a prevalência de respostas de natureza negativa, tais como a falta de foco e o distanciamento dos amigos/isolamento. Nesse sentido, embora a convivência constante com o parceiro, facilitada pela rotina universitária, possa ser potencialmente benéfica em alguns casos, grande parte dos jovens ainda percebe o estabelecimento dessa relação afetiva, nesse contexto, como sendo prejudicial.

Conclusão:

A partir do exposto, conclui-se que assim como apresentado na literatura atual, as relações de curto prazo com terceiros se mostrou mais frequente entre os jovens, ainda que segundo os mesmos, não possua grande relevância nesse período da vida. No entanto, quando se trata de se relacionar com colegas de classe, é possível observar homogeneidade diante a ideia de que tanto relacionamentos de curto prazo quanto os de longo prazo não são de preferência dos estudantes, isso ocorre essencialmente devido a um pensamento prematuro em relação às possíveis consequências de uma tentativa falha ou a possibilidade de um clima estranho entre parceiros após briga, término ou até mesmo após ficarem.

Referências:

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, v. 17, n. 1, p. 61–77, 2005.

FACHADA, I. M. A experiência emocional do toque nas relações românticas durante a adolescência e a juventude. **Handle.net**, 19 jul. 2017.

OLIVEIRA, M. S. A. **Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas**. Tese (Licenciatura em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2004.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, 2008. 97-125 p. v. 38.

SEGINER, R.; NOYMAN, M. Future orientation, identity and intimacy: Their relations in emerging adulthood. **European Journal of Developmental Psychology**, n.2, p. 17-27, 2005.